

Estratégia de Dados Abertos INCoDE.2030

Relatório Preliminar, 20 janeiro 2021

Resumo

Os dados abertos são dados que podem ser livremente acedidos, usados, modificados e partilhados por qualquer pessoa para qualquer fim. Governos, organizações públicas e privadas e indivíduos podem usar dados abertos para obter benefícios sociais, económicos e ambientais.

A estratégia nacional de dados abertos é apresentada como um conjunto de princípios que enquadra linhas de ação de natureza operacional. Assume-se que são claros os objetivos da abertura de dados e que as políticas, recursos e compromissos necessários para o progresso nas linhas de ação serão identificados caso a caso na sua implementação.

Como princípios defende-se que:

- os dados sejam abertos por omissão;
- se estabeleça uma rede nacional de suporte ao acesso e preservação;
- se promovam serviços sobre os repositórios de dados;
- a capacidade dos produtores e distribuidores de dados seja reforçada;
- os instrumentos do EOSC sejam aproveitados para fazer avançar o plano nacional;
- se estimulem casos exemplares de dados abertos;
- se definam perfis profissionais para informar as instituições de formação avançada.

Como linhas de ação propõe-se:

- usar as ideias da comunidade para a abertura de dados, através de concursos;
- selecionar dados de especial interesse e garantir a sua promoção a “dados FAIR”;
- identificar casos de uso piloto de organização e publicação de dados;
- garantir o acompanhamento das organizações e projetos internacionais relevantes;
- estabelecer caminhos claros para o financiamento das iniciativas de dados abertos.

Contexto

A Estratégia de Dados Abertos (EDA) é proposta no âmbito do INCoDe.2030 e constrói sobre o trabalho que está a ser realizado internacionalmente sob as designações “Open Data” e “Open Science”. Os dados abertos estão em destaque nas mais diversas áreas, da ciência— pelo seu potencial de criação de conhecimento— à administração pública— com a promoção da transparência, da economia circular— no uso eficiente dos recursos—, ao envolvimento dos cidadãos em todos os temas da sociedade.

Numa primeira fase (exploratória), iniciada em fevereiro de 2020, foram colecionados, de um conjunto de contribuidores, documentos de posição sintéticos. Estes fornecem pontos de vista, informados pela experiência e pelas necessidades em vários domínios, do estado dos dados abertos em Portugal, das necessidades sentidas e dos caminhos mais promissores para as satisfazer, com o foco na identificação de ações concretas. Esta fase produziu um “relatório-piloto” que serviu de base à fase seguinte.

Na fase seguinte (alargamento a comunidades), iniciada em novembro de 2020, o relatório-piloto foi partilhado fora do grupo inicial, com o objetivo de identificar limitações, testar a adequação das linhas de ação e em geral reunir comentários de uma forma proativa nas várias comunidades motivadas para os dados abertos. Nesta fase foi registado um grupo alargado de participantes que ofereceu contributos. O resultado desta fase constitui o presente “relatório preliminar”.

Introdução

Definição Dados Abertos

Os dados abertos são dados que podem ser livremente acedidos, usados, modificados e partilhados por qualquer pessoa para qualquer fim. Governos, organizações públicas e privadas e indivíduos podem usar dados abertos para obter benefícios sociais, económicos e ambientais. Reconhece-se, contudo, que nem todos os dados podem ser abertos, como fica visível no princípio estabelecido pela União Europeia para os dados no “H2020 Program Guidelines on FAIR Data”: “tão aberto quanto possível, tão fechado quanto necessário”, para lidar com a tensão entre a abertura de dados e o tratamento correto das questões de privacidade e proteção de dados. Este não é o único aspeto que tem impedido o crescimento dos dados abertos, cujos benefícios já foram suficientemente defendidos. Manter dados de boa qualidade requer esforço de organização, gestão e manutenção, e nem todas as organizações têm os recursos necessários para o garantir, ou os processos estabelecidos para que a abertura dos dados constitua uma parte integrante do seu processamento e não um esforço suplementar, penalizador para equipas já muito sobrecarregadas. Uma componente essencial de dados de qualidade são os metadados que lhes estão associados. Metadados são dados sobre os próprios dados, ou seja a informação extra que permite situar os dados no seu contexto organizacional, espacial e temporal, associá-los a processos ou equipamentos específicos, registar as aplicações que alimentam e eventuais restrições no seu uso.

Visão e Missão da Estratégia de Dados Abertos

Uma estratégia para dados abertos, em 2021, tem em atenção o que está feito ou em curso no panorama internacional. Por isso se assume aqui a visão pragmática de continuar o esforço e experiência de outros. São valiosas neste ponto a visão e missão propostas pela Research Data Alliance (RDA). A visão da RDA é de “investigadores e inovadores a partilhar e reutilizar dados de forma independente de tecnologias, disciplinas e países, para lidar com os grandes desafios da sociedade.” A RDA apresenta como missão “construir pontes sociais e técnicas que permitam a partilha e reutilização de dados”.

Tendo em conta o âmbito abrangente da presente estratégia, a sua visão pode apresentar-se como um panorama com

atores da ciência, que propõem princípios, observam a prática e sintetizam linhas de implementação, agentes económicos que exploram o potencial de valor dos dados abertos, responsáveis da administração pública para quem os dados são essenciais à transparência e prestação de contas, e a sociedade em que se verifica a participação informada dos cidadãos.

A missão é adaptada ao momento atual e à capacidade existente nos vários domínios, nomeadamente ao

estabelecer princípios que promovem os dados abertos de forma transversal aos seus diversos produtores e responsáveis, definir linhas de ação inclusivas, colecionar casos exemplares e refletir e avaliar de forma periódica com base em métricas claras.

Panorama internacional

Olhando para o trabalho existente, há que considerar e analisar as ideias já avançadas nos planos para a “Ciência Aberta” publicados na Holanda, em França e na Grécia e na recente “Estratégia nacional de dados” do Reino Unido, bem como nos relatórios do “European Commission Expert Group on FAIR Data”. O âmbito destes documentos é diverso: enquanto o plano francês destaca dados, publicações científicas e coordenação internacional com foco na Ciência, a estratégia grega, também para a Ciência, avança para o reforço das infraestruturas de investigação e para a participação inclusiva na European Open Science Cloud (EOSC). A estratégia de dados do Reino Unido tem uma ênfase diferente, que foca as oportunidades para uma economia dos dados que envolve todos os setores da sociedade, com casos de estudo concretos em que dados nos transportes, na saúde ou na justiça, por exemplo, contribuem para novos serviços e maior transparência.

A nível europeu a iniciativa essencial é a EOSC, uma “European Partnership” no Horizon Europe. A EOSC tem como objetivo desenvolver um ambiente federado, virtual, confiável e aberto na Europa para armazenar, partilhar e reutilizar dados de investigação para além de fronteiras e de disciplinas, fornecendo acesso a uma gama de serviços relacionados. A EOSC está na linha da estratégia europeia de dados, que visa a criação de um mercado único de dados para garantir a competitividade global da Europa e a soberania dos dados. Os espaços de dados europeus comuns vão garantir que mais dados ficam disponíveis para uso na economia e na sociedade.

Estrutura do documento

A estratégia nacional de dados abertos é apresentada como um conjunto de princípios que enquadra linhas de ação cuja natureza é intencionalmente operacional. Assume-se que são claros os objetivos da abertura de dados e que as políticas, recursos e compromissos necessários para o progresso nas linhas de ação serão identificados caso a caso na sua implementação.

Princípios

1. *Dados são abertos por omissão*

Seguir a regra da UE “tão aberto quanto possível, tão fechado quanto necessário”. Trata-se de estabelecer um novo comportamento que leva a um ajuste das obrigações e das prioridades nos processos que geram dados. As implicações deste princípio são vastas e a sua aplicação tem de ser favorecida pela existência de repositórios apropriados, recomendações quanto a formatos e metadados, recomendações quanto a identificação e indexação, bem como pela capacitação dos profissionais que realizam estas tarefas.

As normas para dados abertos estão em evolução e há recomendações disponíveis, por exemplo no [Open Data Institute](#).

Os dados abertos tornam realizáveis dois desígnios essenciais: o de serem passíveis de escrutínio e o de estarem disponíveis para reutilização. O primeiro favorece a transparência e incentiva a comparação de resultados entre investigadores; o segundo abre o caminho para a exploração de dados e a montagem de serviços de valor acrescentado. Ambos requerem a utilização de normas na geração e processamento dos dados e a criação de metadados associados, ambos embutidos no próprio processo de recolha, tratamento e disponibilização dos dados. São também conhecidas as dificuldades resultantes da divulgação de dados em formatos não adequados ou conformes a aplicações específicas ou licenciadas, condenando-os a um inevitável obscurecimento.

O princípio subjacente à estratégia de dados abertos é que uma organização que anuncia dados abertos tem de ter processos internos documentados relativamente ao caminho que estes percorrem, desde a criação até estarem disponíveis em repositórios adequados. Seguindo este princípio, que alinha a produção e validação dos dados com a sua classificação do ponto de vista da abertura, garante-se que a organização sabe sempre responder sobre o estado dos dados que são da sua responsabilidade, estejam abertos ou não.

A abertura dos dados requer uma efetiva atitude de abertura dentro da organização. Nem tudo deve ser público, mas a decisão sobre o quão público será um universo de dados deve ser tomada ainda antes de este ser produzido. Isto conduz a uma prática saudável dentro das organizações, acautelando o que não deve ser público e estabelecendo prazos e métodos de publicação para o que efetivamente o seja.

O princípio é válido de forma automática para dados obtidos por fundos públicos. Os promotores de dados gerados por financiamento privado devem ser convidados a partilhar os mesmos de forma aberta.

2. *Rede nacional suporta acesso e preservação*

Existem já, em algumas instituições, repositórios organizados contendo os respectivos dados. Existe também prática de depósito de dados em repositórios internacionais, nos domínios onde essa presença é requerida para validação e publicação de resultados. No entanto, na maior parte dos grupos de investigação a gestão dos dados é realizada de forma *ad hoc* e a sua preservação, para além da duração dos projetos, é muito precária.

O conceito de rede ou infraestrutura de acesso e preservação foi proposto como recomendação no Grupo de Trabalho “Política Nacional Ciência Aberta” em 2016, sob o acrónimo InfraAP.

Uma rede desta natureza compreende as naturais infraestruturas técnicas para armazenamento, mas também recursos humanos para apoiar os grupos ou organizações que depositam dados.

Enquadra-se aqui a instalação de novos repositórios e o aproveitamento e extensão de repositórios existentes. Também nesta linha se situa o trabalho de definição de regras de interoperabilidade para garantir dados FAIR (Findable, Accessible, Interoperable, Reusable), os acordos com organizações internacionais que geram identificadores únicos persistentes, a promoção da indexação dos repositórios em indexadores internacionais como o re3data e a certificação dos repositórios como ilustrada pelo CoreTrustSeal.

Dentro desta rede, devem existir um ou mais nós especialmente robustos, com os quais os nós mais frágeis estabeleçam acordos de colaboração que prevejam regras de interoperabilidade, redundância e desmobilização.

3. Serviços exploram os repositórios de dados

Quase tão importantes como os dados são as ferramentas que permitem aos seus utilizadores consultá-los, perceber a sua estrutura e conteúdo através de análises exploratórias, fazer processamentos específicos ou visualizá-los de acordo com as suas dimensões. Cada utilização de um universo de dados representa esforço investido que, se exposto de forma intuitiva e funcional, facilita a reutilização e pode aumentar o valor dos dados e dar crédito pelo trabalho realizado aos seus autores. As ferramentas usadas para processar os dados podem ser proporcionadas como serviços disponíveis em catálogos genéricos ou específicos de alguns domínios.

4. Produtores e distribuidores de dados promovem dados abertos

As organizações que produzem e distribuem dados são pontos de articulação de toda a estratégia. É necessário perceber as motivações dessas organizações e criar os incentivos apropriados.

As infraestruturas de investigação do Roteiro Nacional são exemplo de organizações que criam, detêm e distribuem dados. Estas infraestruturas constituem uma malha que organiza uma parte importante das colaborações disciplinares multi-institucionais. Os dados têm muitos aspetos disciplinares que determinam os seus requisitos, pelo que a discussão a nível disciplinar contribui para a definição de modelos comuns de gestão e de disseminação. Ademais, é ao nível das infraestruturas de investigação que são visíveis as ligações internacionais, para uso de repositórios comuns e para partilha.

A Administração Pública é outra área cuja missão envolve a geração, guarda e uso de uma grande diversidade de dados. O estabelecimento de regras claras para a sua gestão e de condições para a sua abertura permitirá cumprir os mandatos sobre dados abertos e ao mesmo tempo garantir as reservas relativas à privacidade e segurança.

5. European Open Science Cloud sustenta dados abertos

A EOSC tem como visão um ambiente virtual com serviços abertos e integrados para armazenamento, gestão, análise e reutilização de dados de investigação, cruzando fronteiras disciplinares e federando as infraestruturas de dados científicos existentes, atualmente dispersas por disciplinas e por estados na União Europeia (UE). Estando a definir aspetos como a arquitetura das suas infraestruturas, as ferramentas para garantir dados FAIR, os serviços disponíveis e as regras para

participação, a EOSC será em breve uma fonte essencial de competências, normas e boas práticas para os dados abertos nacionais. A EOSC e os seus serviços vão contribuir para a sustentabilidade das infraestruturas nacionais e para a promoção de iniciativas e de resultados.

6. Gestão de dados define perfis profissionais específicos

A gestão de dados numa instituição requer o envolvimento de profissionais com formação específica em diversas áreas. É possível identificar perfis que permitem às organizações reunir as competências necessárias para tratar os seus dados de forma profissional e contribuir para a sua operacionalização interna e visibilidade, favorecendo novos usos e expondo corretamente os dados públicos.

É possível prever dois perfis relacionados com a gestão de dados: o de curador de dados e o de administrador de repositórios. O primeiro é um perfil baseado em competências de Ciência da Informação, com uma componente forte de metadados e planos de gestão de dados e base sólida para operação de repositórios de dados, definição de formatos e adoção de normas. O segundo tem por base competências de Informática e requer também sensibilidade para questões de metadados, sistemas de arquivo e interoperabilidade. Em qualquer destes perfis, o conhecimento científico sobre o domínio específico dos dados é condição para um desempenho bem-sucedido da função. A estes perfis associa-se um terceiro relacionado com as funções de avaliação de dados pessoais ou privados, próximo das funções de Encarregado de Proteção de Dados (Data Protection Officer, ou DPO).

É de esperar que estes perfis sejam assegurados numa fase transitória por profissionais com outro perfil de base e que, à medida que estas funções se estabeleçam como regulares, a oferta de formação pelas instituições de ensino superior os venha a considerar de forma mais específica.

Linhas de ação

Dada a abundância de recomendações e de planos em execução, cuja avaliação pode inspirar iniciativas nacionais, estão criadas as condições para se avançar em linhas concretas, produzir resultados capazes de fornecer novas ideias para a estratégia, refinar as linhas existentes e avançar em novas direções. As que se apresentam a seguir têm potencial para ser lançadas de imediato, e partem da consideração dos atores envolvidos.

Atores e operacionalização

A estratégia dirige-se a um conjunto grande de atores, ligados a todas as etapas do ciclo de vida dos dados, e.g. criação, processamento, armazenamento, descrição, reutilização, limpeza, validação, depósito, publicação, indexação. Estas funções podem observar-se em instituições de investigação, gabinetes de apoio a projetos, infraestruturas e financiadores. São menos comuns em entidades da administração pública e em empresas, mas a previsão é que se expandam em breve em ambos os domínios.

A realização da estratégia, nas linhas a seguir enunciadas, requer planos específicos dirigidos a alguns dos atores referidos, e é fácil encontrar exemplos de caminhos naturais. Os avanços na rede de acesso e preservação ou nos serviços são temas apropriados para a estruturação de chamadas de projetos científicos, onde podem ser criados os protótipos que dão origem a produtos e serviços. As infraestruturas, que têm orçamentos próprios, podem ser dotadas com os meios que lhes permitam apresentar resultados na publicação de dados. Relativamente à EOSC, há necessidade de alertar em chamadas nacionais para as oportunidades que surgem de trabalho financiado ou de serviços prontos a usar em algumas comunidades.

Ideias da comunidade (Projetos Dados Abertos)

Nesta linha abrangente propõe-se a coleta de ideias da comunidade, através de um concurso próprio, organizado de acordo com as linhas da estratégia e tendo como requisito a obtenção de realizações concretas. Este concurso pode ter uma primeira fase de coleção de ideias descritas de forma geral e uma segunda, para as ideias selecionadas, com financiamento.

Dados FAIR (Diretório de dados a pedido)

Ainda que muitos novos dados possam ser criados com elevados padrões de acessibilidade e responsabilidade, há um manancial de informação muito valiosa que não é viável tratar em pormenor de forma retrospectiva. Propõe-se por isso uma linha de ação para "dados a pedido": qualquer pessoa deve poder indagar o estado e requisitar dados existentes, e estes pedidos vão desencadear ações de disponibilização de dados e de identificação de fontes cujo acesso precise de ser melhorado.

Estes pedidos têm duas funções: (1) tornar visíveis as necessidades de dados que são frequentemente referidas e que passam a estar registadas e (2) selecionar organizações/ setores/ produtores de dados elegíveis para programas de abertura de dados.

Os dados abertos como resultado destas ações passam a estar incluídos numa lista de "dados FAIR", mantida por uma entidade independente.

Metodologia para dados abertos (Padrões para dados)

Os dados tomam muitas formas e colocam questões diversas de armazenamento, acesso, formatos, condições de uso. Propõe-se nesta linha de ação a criação de uma metodologia e guia para a gestão de dados abertos básicos, com garantia de qualidade (dados FAIR). O objetivo é uniformizar, na medida do possível, e promover soluções simples que se integram nos fluxos de trabalho existentes. Para o desenvolvimento desta metodologia pode recorrer-se a casos de uso que ilustram soluções existentes e usá-los como “padrões”. Um padrão pode resolver um caso simples de publicação de dados em formato recomendado, e ser parte de um padrão mais elaborado em que os dados requerem a associação de metadados mais especializados.

Esta linha de ação baseia-se na observação de que muitos problemas semelhantes se apresentam de forma diferente só pelo facto de estarem em diferentes domínios.

Dados exemplares (Curadores de dados)

Os dados dependem criticamente da atenção das pessoas que conhecem as suas características e são capazes de mostrar os seus usos. A exibição de um universo de dados e da forma como é tratado inspira outros a revelar e demonstrar usos de dados que podem ser muito diversos, tanto na natureza como na origem. Para identificar exemplos de dados valiosos, são essenciais as pessoas que os cuidam ou que deles pretendem fazer uso, que designamos aqui como "curadores". Em iniciativas relacionadas com dados abertos, tem sido visível a generosidade das pessoas que voluntariam o seu tempo e conhecimentos para os manter vivos e inteligíveis.

Nesta linha de ação, vamos identificar curadores que identifiquem e descrevam casos de dados de um domínio ou de uma origem específica. Como resultado teremos uma tapeçaria de casos exemplares, o material de base para refletir, identificar problemas recorrentes e progredir.

É importante evitar aqui a prescrição excessiva de normas e regras: partindo de uma linha de base de alguma informação comum, o conjunto destes casos constituirá o material fonte para um passo seguinte, em que as limitações - de descrição, de formatos, de interoperabilidade, de armazenamento -, destes casos, estabelecerão os requisitos para camadas sucessivamente mais sofisticadas de armazenamento, interoperabilidade e processamento de dados.

Lista das fontes (Atores internacionais)

Criar uma lista de entidades que estão a fazer trabalho importante na área dos dados e ter, para cada uma

- acordos para colaboração com natureza e objetivos claros;
- uma "pessoa de ligação" que faz um relatório trimestral dos desenvolvimentos.

Os acordos são publicados como adenda à estratégia e os relatórios disseminados pela lista de pessoas responsáveis pela estratégia, agregados e eventualmente incorporados na estratégia, de acordo com a sua natureza dinâmica.

Modelos de financiamento (Programas e iniciativas)

As ações da estratégia requerem visão sobre a diversidade de fontes de financiamento e de oportunidades para trabalho conjunto com outras iniciativas.

É importante por isso a manutenção de uma lista de oportunidades relacionadas com a promoção de dados abertos, classificadas por domínios, infraestruturas relacionadas e tipo de resultados esperados.

Evolução do documento

Uma estratégia olha para além do imediato e precisa de ter em atenção a evolução rápida neste domínio e a necessidade de incorporar contributos de todos os atores envolvidos. O documento da estratégia pretende ser um “documento vivo”, capaz de incluir a experiência ganha com os casos de aplicação, a evolução internacional e as ideias recebidas dos diversos atores. Consegue com isso propor ações que criam resultados a curto prazo e moldar-se aos desenvolvimentos nacionais e internacionais e às oportunidades de trabalho conjunto, nomeadamente no âmbito do INCoDe.2030, a iniciativa nacional para as competências digitais. Por outro lado, uma estratégia nacional mantém o alinhamento com os desenvolvimentos da European Open Science Cloud, cujo apoio pela UE garante que será a fonte de recomendações e práticas a seguir, e que terá a sua estrutura de funcionamento estabelecida até final de 2020.

O grupo de contribuidores iniciais para esta estratégia tem ligação principal à ciência, embora seja entendimento na ciência que, sob a classificação de “dados de investigação”, cabe uma multitude de dados que provêm da administração, da economia, da observação do mundo físico ou social, da produção artística, do património, da saúde ou das ciências da vida. A ciência tem interesse em todos estes dados para fins diversos e tem também a ambição de os organizar e preservar para que sejam abertos, na aceção lata do termo. Por outro lado, os usos dos dados na economia e na sociedade, cada vez mais importantes, beneficiam da reflexão, dos processos e das ferramentas propostos pela ciência.

Lista de entidades e projetos de relevo para a EDA

European Open Science Cloud <https://www.eosc-portal.eu/>

The EOSC will offer 1.7 million European researchers and 70 million professionals in science, technology, the humanities and social sciences a virtual environment with open and seamless services for storage, management, analysis and re-use of research data, across borders and scientific disciplines by federating existing scientific data infrastructures, currently dispersed across disciplines and the EU Member States.

A European strategy for data

https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/communication-european-strategy-data-19feb2020_en.pdf

The measures laid out in this paper contribute to a comprehensive approach to the data economy that aim to increase the use of, and demand for, data and data-enabled products and services throughout the Single Market.

The Open Data HandBook <https://opendatahandbook.org/guide/en/>

It discusses the why, what and how of open data – why to go open, what open is, and the how to ‘open’ data.

Open Data Institute <https://theodi.org/>

The Open Data Institute works with companies and governments to build an open, trustworthy data ecosystem, where people can make better decisions using data and manage any harmful impacts.

FCT, Projetos em Ciência dos Dados e Inteligência Artificial na Administração Pública, concursos de 2018 e 2019 (Research in Data Science and Artificial Intelligence applied to Public Administration)

https://www.fct.pt/media/docs/Brochura_ResearchinDataScienceandAIappliedtoPA.pdf

EU Circular Economy Action Plan

https://ec.europa.eu/environment/circular-economy/index_en.htm

The new Action Plan announces initiatives along the entire life cycle of products, targeting for example their design, promoting circular economy processes, fostering sustainable consumption, and aiming to ensure that the resources used are kept in the EU economy for as long as possible.

Open Aire <https://www.openaire.eu/>

Shift scholarly communication towards openness and transparency and facilitate innovative ways to communicate and monitor research.

Rulebook for a Fair Data Economy- Rulebook Template for Data Networks

Version 1.1, 30.6.2020

<https://media.sitra.fi/2020/06/01093003/rulebook-for-a-fair-data-economyversion1-1.pdf>

Data networks that adopt the Rulebook Template must be fair, balanced and lawful in their processing of data. They must also be just and impartial toward their members and ensure that the right of third parties are not infringed. Personal data must be processed in accordance with European and applicable national data protection regulations

Turning FAIR into Reality https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/turning_fair_into_reality_1.pdf
Um relatório e um plano de ação com análise do que é necessário para implementar o FAIR num um sentido amplo e um conjunto de recomendações e ações para os atores na Europa.

Glossário

(ver glossário CODATA)

Research Data Management – Glossary <https://codata.org/rdm-glossary/>

(publicado no site INCoDe.2030, Fev 2020)

Constituição do grupo inicial da EDA

Por iniciativa do INCoDE.2030, foi iniciada a elaboração de uma “Estratégia Nacional de Dados Abertos” para identificar princípios e iniciativas concretas que promovam a partilha e reutilização de dados.

A estratégia usa a competência de investigadores e especialistas de diversas áreas que produziram documentos sucintos com destaques para o estado dos dados abertos nos seus domínios e as necessidades e oportunidades a curto prazo.

A estratégia é coordenada por Cristina Ribeiro (INESC TEC e Universidade do Porto) e tem o seguinte grupo de contribuidores:

Ana Isabel Carvalho, Manufactura Independente

Ana Portugal Melo, Instituto Gulbenkian de Ciência

Anabela Oliveira, LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil

Angela Lomba, CIBIO - Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos

Daniel Gomes, FCCN – Computação Científica Nacional

Elisabete Ramos, ISPUP - Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto

Eloy Rodrigues, Universidade do Minho

Francisco Barbedo, DGLAB - Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

Helena Amaral, C4G - Colaboratório para as Geociências

Irene Rodrigues, Universidade de Évora

João Moreira, FCCN – Computação Científica Nacional

João Nuno Ferreira, FCCN – Computação Científica Nacional

João Rocha da Silva, RDA Repository Platforms for Research Data IG

Maria Fernanda Rollo, Universidade Nova

Maria Manuel Borges, Universidade de Coimbra

Pedro Moura Ferreira, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Pedro Príncipe, Universidade do Minho

A Estratégia Nacional de Dados Abertos foi articulada com o trabalho no nó português da Research Data Alliance, RDA-pt, organizado como parte do projeto RDA Europe 4.0, que decorreu até final de setembro de 2020.